

Experiência discente com o ensino remoto na pandemia por SARS-COV-2 em um centro universitário

ARTIGO

Gabriel Stanziola de Moraesⁱ

Faculdade de Medicina de Marília, Marília, SP, Brasil

Camila Mugnai Vieiraⁱⁱ

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil

Bianca Pereira Rodrigues Yonemotuⁱⁱⁱ

Universidade Estadual Paulista, Marília, SP, Brasil

Edinilson Donisete Machado^{iv}

Centro Universitário Eurípides de Marília, Marília, SP, Brasil

Ieda Francischetti^v

Faculdade de Medicina de Marília, Marília, SP, Brasil

1

Resumo

A pandemia de COVID-19 promoveu a necessidade de distanciamento social, que, por sua vez, obrigou as instituições de ensino a adotarem tecnologias que permitiram a continuação dos estudos presenciais de maneira mais segura, na modalidade remota. A adaptação para esse formato precisou ser rápida. Assim, este estudo visou compreender a percepção de estudantes de um centro universitário do interior paulista nesse novo cenário de aprendizagem. Os participantes foram convidados por e-mail a responder um questionário autoaplicável on-line sobre a experiência vivida durante a adoção desta medida emergencial pela instituição. Esse formulário contou com perguntas objetivas envolvendo, por exemplo, a percepção sobre suas habilidades no uso das plataformas virtuais e o impacto na saúde mental e desempenho acadêmico. Ademais, de forma qualitativa, interrogou-se sobre benefícios e desafios da implementação do ensino remoto. Encontraram-se percepções variadas, indicando que houve benefícios na implementação da modalidade virtual, mas também que houve pontos a serem melhorados.

Palavras-chave: Distanciamento social. Ensino superior. Tecnologias digitais.

Student experience with remote teaching during the SARS-COV-2 pandemic in a university center

Abstract

The COVID-19 pandemic promoted the need for social distancing, which, in turn, forced educational institutions to adopt technologies that allowed the continuation of face-to-face studies, in a safer way, in the remote modality. The adaptation to this format had to be fast. Thus, this study aimed to understand the perception of students from a university center in the rural area of São Paulo. The participants were invited by email to answer a self-administered online questionnaire about their experience during the adoption of this emergency measure by institution. This

questionnaire included objective questions involves, for example, the perception of their skills in using virtual platforms and impact on mental health and academic performance. In a qualitative way, questions were raised about benefits and challenges of implementing remote teaching. Varied perceptions were found, indicating that there were benefits in the implementation of the virtual modality, but also that there were points to be improved.

Keywords: Social Distancing. University education. Digital technologies.

1 Introdução

A pandemia pelo SARS-COV-2, decretada em 2020, impactou a rotina da população mundial. Para reduzir a disseminação do vírus, instituições de ensino se reinventaram, utilizando tecnologias da informação e comunicação para implementar métodos on-line para a manutenção de suas atividades, seja de forma síncrona (quando a comunicação ocorre ao mesmo tempo, como em *web* conferências) ou assíncrona (quando não é simultânea, como ocorre em fóruns e videoaulas) (Arruda; Siqueira, 2021).

Ao mesmo tempo em que o ensino remoto permitiu a continuidade do percurso acadêmico, ele também evidenciou as limitações de uma aprendizagem mediada pela tecnologia (Oliveira; Pontes, 2022). Isso se deve a problemas relacionados ao conhecimento sobre os recursos disponíveis, lacunas na formação docente para as dinâmicas virtuais e a adaptação das metodologias de ensino ao novo formato (Araújo *et al.*, 2021). Há tempos, mudanças sociais como a Internet, a globalização e a cibercultura indicam uma influência tecnológica no cenário educacional (Lima; Silva, 2022), e a situação de pandemia intensificou esse processo.

A inserção de tecnologias na educação não é nova; mesmo antes da pandemia, essas tecnologias que viabilizam o ensino virtual já eram utilizadas, embora de forma optativa e em menor intensidade. Inicialmente, essas tecnologias permitiram que aquelas pessoas que precisavam estudar, porém não tinham condições de acessar um curso presencial, pudessem prosseguir academicamente (Medeiros, 2021). Contudo, o contexto de utilização exclusiva desses recursos digitais para reduzir a contaminação pelo vírus da COVID-19 exigiu de estudantes e docentes a adaptação a este novo modelo (Neves *et al.*, 2021). Além disso, é preciso lembrar que as condições de Internet e de recursos

tecnológicos não são homogêneas pelo Brasil. Logo, nem todos os professores e estudantes possuem todas as condições necessárias para o desenvolvimento das atividades de forma digital (Medeiros, 2021).

A inquietação para investigar os desdobramentos do ensino durante a pandemia gerou várias publicações. Em um levantamento do estado da arte do ensino remoto emergencial no Brasil, Neves, Assis e Sabino (2021) analisaram 16 publicações, das quais 9 estavam relacionadas a práticas pedagógicas na área da saúde. Ressalta-se que a preocupação em entender as repercussões na educação motivou pesquisas envolvendo todos os níveis de ensino: infantil, fundamental, médio e superior (Souza *et al.*, 2021; Gonçalves, Britto, 2020; Faria *et al.*, 2022; Moraes *et al.*, 2022).

Assim, conforme indicam Lima e Silva (2022), é importante as instituições, neste contexto de pandemia, avaliem as percepções dos estudantes sobre as metodologias propostas, visando o aprimoramento dos métodos de ensino-aprendizagem. Considerando a importância deste diagnóstico e as lacunas ainda existentes sobre as repercussões do ensino remoto em estudantes universitários que estavam inseridos em um modelo de ensino pautado no contato físico e na interação face a face, este estudo teve o objetivo de compreender a percepção de estudantes de um centro universitário sobre a mudança da modalidade de ensino presencial para a virtual e as repercussões desta experiência durante o período de pandemia.

2 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa transversal, de campo, de caráter exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa, aplicada em um centro universitário privado sem fins lucrativos, localizado no interior do estado de São Paulo. A instituição analisada conta com os seguintes cursos superiores: administração, ciências da computação, ciências contábeis, design gráfico, direito, engenharia de produção, gestão de recursos humanos, processos gerenciais, publicidade e propaganda e sistemas de informação. Os estudantes de todos os cursos foram convidados por e-mail a participar da pesquisa, por meio de um

questionário virtual autoaplicável criado no Google Forms®. O envio do questionário ocorreu de seis a oito meses após a implementação do ensino virtual pela instituição.

Como critérios de inclusão para envio do e-mail convite para participar da pesquisa, foram considerados: 1) ser estudante de ensino superior matriculado na instituição no momento do questionário; 2) estar pelo menos no segundo período, de forma que seja possível comparar a vivência no ensino presencial com o virtual.

As perguntas inicialmente envolveram a caracterização dos participantes, com a coleta dos seguintes dados: gênero, idade, curso e semestre matriculado. Em seguida, as questões foram direcionadas para entender as vivências estudantis com a migração do sistema presencial de ensino para o remoto. As perguntas tinham estruturas variadas.

Para avaliar as habilidades dos estudantes em utilizar os recursos digitais tanto no momento inicial de implementação do novo modelo de ensino quanto no momento da coleta dos dados, optou-se por uma escala graduada de 1 a 5, sendo 1 indicativo de pouca habilidade e 5 de muita habilidade. As notas foram agrupadas em três grupos: 1 e 2 como grupo pouco apto, 3 como médio e 4 e 5 como muito.

Além disso, foi utilizada uma escala graduada de 0 a 5 para mensurar o grau de dificuldade em participar das atividades acadêmicas on-line, sendo 0 correspondente a nenhuma dificuldade e 5 a muita. Novamente, optou-se pela estratégia de agrupar as notas, sendo a nota 0 considerada sem dificuldades, as notas 1 e 2 como pouca dificuldade, 3 como média, e 4 e 5 como elevada.

Após, foram investigados os desafios que a aprendizagem remota trouxe. Para essa questão, foram dadas as seguintes opções: 1) Maior cansaço devido ao maior uso de equipamentos tecnológicos; 2) Tempo escasso devido ao acúmulo de tarefas; 3) Aumento de tempo nas atividades de trabalho, estendendo-se além da carga horária prevista; 4) Falta de colaboração dos membros da família; 5) Não há dificuldades. Além das opções, foi oferecido um espaço no qual o participante poderia expressar outras dificuldades que não foram abrangidas pelas opções dadas.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer de número 4.450.207 e todos os participantes concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado juntamente com o questionário.

Os dados quantitativos foram tabulados e analisados por meio do software Microsoft Excel ® 2019. O item idade foi analisado por meio de média e desvio padrão, enquanto os demais tópicos quantitativos foram analisados por meio de frequência absoluta e relativa.

Já para os qualitativos, foi realizada a leitura de todos os questionários e a identificação das ideias centrais no discurso dos estudantes, que foram então organizadas em categorias representativas das principais vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação à modalidade de ensino adotada durante o período de isolamento social. A justificativa dessa abordagem é a valorização das percepções subjetivas da realidade de cada participante (Batista *et al.*, 2021), apresentando tópicos que não foram contemplados previamente em sua totalidade no interrogatório objetivo.

3 Resultados e Discussão

Participaram 214 estudantes, dos quais 108 (50,5%) declararam ser do gênero feminino, 104 (48,6%) como masculino e 2 (0,9%) como não-binário. A média de idade foi de 21 anos, com desvio padrão de 5,65. A Tabela 1 apresenta a distribuição dos estudantes segundo seu curso de graduação.

Tabela 1. Distribuição dos estudantes segundo curso de graduação por frequência absoluta e relativa

Graduação	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Administração	9	4,2%
Ciências da Computação	30	14%
Ciências Contábeis	17	7,9%
Design Gráfico	10	4,7%
Direito	105	49,1%
Engenharia de Produção	12	5,6%
Gestão de Recursos Humanos	2	0,9%

Processos Gerenciais	2	0,9%
Publicidade e Propaganda	2	0,9%
Sistemas de Informação	25	11,7%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

6

A maioria dos participantes pertencia ao quarto ou sexto período (tabela 2), não apresentava experiência prévia com as plataformas virtuais que proporcionaram as atividades remotas síncronas (84,1%), acessava exclusivamente de casa (71,2%), não sentia incômodo em relação à privacidade (82,7%).

Tabela 2. Distribuição dos estudantes segundo semestre na graduação por frequência absoluta e relativa

Semestre	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Segundo	26	12,1%
Terceiro	2	0,9%
Quarto	68	31,8%
Sexto	57	26,6%
Sétimo	1	0,5%
Oitavo	37	17,3%
Décimo	23	10,7%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

A autopercepção do estudante sobre sua aptidão para utilizar os recursos disponíveis tanto no início quanto no momento do questionário foi avaliada por meio de uma escala graduada entre 1 e 5, sendo 1 considerado pouca habilidade e 5 muita habilidade. Consideramos notas 1 e 2 como pouco apto, 3 como médio e 4 e 5 como muito. As tabelas 3 e 4 apresentam esses resultados.

Tabela 3. Distribuição dos estudantes com base em suas habilidades em utilizar plataformas no início da pandemia por frequência absoluta e relativa

Habilidade Inicial	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Pouca	40	18,7%
Média	50	23,4%
Elevada	124	57,9%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Tabela 4. Distribuição dos estudantes com base em suas habilidades em utilizar plataformas no momento do questionário por frequência absoluta e relativa.

Habilidade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Pouca	3	1,4%
Média	22	10,3%
Elevada	189	88,3%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

7

Quase um quinto dos participantes indicou baixa habilidade inicial em utilizar os recursos digitais quando foram implementados (Tabela 3). O uso da tecnologia, por exemplo, por meio de mídias sociais, como WhatsApp e Facebook, é frequente entre os universitários (Fermann *et al.*, 2021); todavia, a inclusão desses recursos, ou similares, no meio acadêmico era pouco estimulada em cursos presenciais antes da pandemia (Nascimento *et al.*, 2019). Assim, é possível constatar que, com a prática e utilização das plataformas, houve um aumento no número de alunos que consideraram sua aptidão elevada, tornando o momento uma oportunidade de aquisição de novas competências.

Foi analisado também o grau de dificuldade em participar dos compromissos acadêmicos on-line em comparação aos encontros presenciais. Também foi utilizado uma escala graduada de 0 a 5, sendo 0 sem dificuldades e 5 com muita dificuldade. Notas 1 e 2 foram consideradas como baixa dificuldade, 3 média, e 4 e 5 como elevada.

Tabela 5. Distribuição dos estudantes segundo dificuldade em participar das atividades acadêmicas on-line se comparado ao presencial

Dificuldade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sem	86	40,2%
Pouca	66	30,8%
Média	25	11,7%
Elevada	37	17,3%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Mesmo com mais de 40% dos estudantes tendo negado alguma dificuldade na aprendizagem remota, na pergunta que avaliou fatores que prejudicaram a realização das

atividades on-line, apenas 13 (3%) não apontaram nenhum empecilho. Um respondente, inclusive, destacou que se adaptou muito bem ao novo modelo e cogitou mudar seu curso de presencial para on-line quando a instituição retornasse ao método anterior ao da pandemia. Foram disponibilizadas alternativas e um espaço no qual o estudante podia expressar mais desafios além daqueles já contemplados, sendo possível assinalar quantas entendesse ser necessárias; assim, foram obtidas 432 opções. A Tabela 6 evidencia os problemas mais comuns, acima de 65 respostas.

Tabela 6. Distribuição dos fatores que interferiram na realização de atividades on-line por frequência absoluta e relativa

Fator	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Dificuldade de conexão com a Internet	96	22,2%
Maior cansaço devido a maior uso de equipamentos tecnológicos	94	21,8%
Tempo escasso devido ao acúmulo de tarefas	80	18,5%
Aumento de tempo nas atividades de trabalho, estendendo-se além da carga horária prevista	68	15,7%
Falta de colaboração dos membros da família	65	15%
Total acumulado	403	93,2%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Lima e Silva (2022) realizaram estudo no qual perceberam, em estudantes do ensino médio, a fragilidade na construção do conhecimento durante o período virtual. Eles também destacaram uma expressiva porcentagem de estudantes com problemas técnicos relacionados à internet ou ao equipamento, dificultando a participação nas aulas. Já em um centro universitário localizado no interior do estado do Rio de Janeiro, um estudo com 159 estudantes da área da Saúde (educação física, enfermagem, medicina e nutrição) evidenciou que um quarto dos participantes classificou a qualidade como ruim ou péssima e quase metade teve uma percepção ótima ou boa de sua adaptação à educação remota (Pereira *et al.*, 2020). Esses dados vão ao encontro dos achados desta pesquisa, visto a melhora da aptidão na utilização dos recursos, como visualizado nas Tabelas 3 e 4, e os problemas de conexão com a internet foram o desafio mais assinalado pelos nossos participantes.

A maioria dos estudantes relatou que a migração do meio presencial para o remoto não impactou sua saúde mental ou seu desempenho acadêmico. No entanto, mais de um quarto relatou piora em sua saúde mental na primeira questão (Tabela 7), e mais de um terço na segunda (Tabela 8). A saúde mental do estudante é um aspecto importante a ser avaliado. A revisão sistemática de Becker *et al.* (2021), que analisou 14 artigos, concluiu que o ensino remoto aumentou sintomas de ansiedade, estresse e *burnout* entre os universitários.

Tabela 7. Distribuição dos estudantes com base na percepção de interferência das atividades remotas sobre sua saúde mental em frequência absoluta e relativa

Percepção	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Melhorou	37	17,3%
Não sofreu alteração	116	54,2%
Piorou	61	28,5%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Porcentagens aproximadas de participantes deste estudo indicaram não perceber alterações no seu desempenho acadêmico (39%) ou perceberam piora (37%). Um estudo avaliando mais de duas mil matrículas de estudantes de uma instituição federal de ensino mineira, com ingressos entre 2009 e 2021, demonstrou aumento nos coeficientes de rendimento e diminuição na taxa de evasão durante o período da pandemia (Pinheiro, Sabino, 2022). Sendo assim, o ensino remoto implicou em impressões distintas em cada estudante, mas não indicou melhora de desempenho na maioria dos casos.

Tabela 8. Distribuição dos estudantes com base na percepção do seu desempenho nas atividades remotas se comparado ao presencial por frequência absoluta e relativa

Percepção	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Melhorou	51	23,8%
Não sofreu alteração	84	39,3%
Piorou	79	36,9%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

A falta de experiência com as plataformas virtuais e o impacto na saúde mental foram tópicos que afetaram diretamente a participação estudantil durante o ensino remoto. Assim, foi questionado sobre as formas de suporte institucional recebidas, demonstradas na tabela a seguir. Os estudantes puderam assinalar quantas alternativas fossem necessárias para sua realidade, além de assinalar que não receberam apoio (7,2%).

Tabela 9. Distribuição dos estudantes segundo apoio institucional oferecido por frequência absoluta e relativa

Apoio	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Técnico	173	54,1%
Pedagógico	105	32,8%
Emocional e pedagógico	19	5,9%
Não houve	23	7,2%
Total	320	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Avaliou-se também a questão do vínculo com os docentes, e mais da metade dos estudantes apontou que houve distanciamento (Tabela 10). Moraes *et al.* (2022) observaram o ponto de vista dos docentes, conduzindo estudo com 39 professores do ensino superior e observaram nesse recorte que quase três quartos dos participantes demonstraram distanciamento em relação aos estudantes. Ressalta-se que a relação professor-estudante é um fator que influencia o processo de aprendizagem, a motivação do aluno pelo conteúdo e a capacidade reflexiva e investigativa, podendo gerar repercussões positivas ou negativas (Belo *et al.*, 2021; Secatto, Secatto, 2021).

Tabela 10. Distribuição dos estudantes segundo percepção a respeito do relacionamento com os docentes por frequência absoluta e relativa

Percepção	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Sem alterações	64	29,9%
Mais distantes	111	51,9%
Mais próximos	39	18,2%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Diante da experiência vivida, perguntou-se aos estudantes sobre o futuro das tecnologias no ensino, e a maioria acredita que elas serão utilizadas simultaneamente ao ensino presencial, mesmo após o término da pandemia (Tabela 11).

Tabela 11. Distribuição dos estudantes segundo opinião a respeito do futuro das tecnologias remotas por frequência absoluta e relativa

Opinião	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Permanente, sendo concomitante com o método presencial	139	65%
Permanente, sendo que substituirão o método presencial	23	10,7%
Temporária, restrita ao período de pandemia	52	24,3%
Total	214	100%

Fonte: autoria própria. Ano: 2024.

Desde a década de 1970, há a manifestação do interesse em aliar informática e educação. Década após década passos importantes foram sendo triados, como o Telecurso (que disponibilizava videoaulas da educação básica e técnica) e projeto FORMAR (capacitando docentes da educação básica pública) na década de 1980, a TV Escola na década de 1990 e a criação do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNASUS), que desde 2008 já ofereceu mais de 400 cursos de 29 instituições, certificando mais de 3 milhões de profissionais (Fernandes *et al.*, 2024; UNASUS, 2024).

Segundo dados do Censo da Educação Superior 2022, apresentados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), autarquia vinculada ao Ministério da Educação, 75,2% do número de vagas em cursos de graduação e 63% dos ingressantes estão na modalidade a distância. Além disso, essa apresentação indicou que entre 2018 e 2022 o número de vagas oferecidas a distância ampliou em 139,5%, enquanto as presenciais apresentaram uma queda de 11% nesse período.

Dessa forma, indica-se a tendência de que o uso de tecnologias na educação, permitindo tanto o ensino remoto quanto a distância, é um aspecto que fará parte do cotidiano de docentes e estudantes a partir de agora. Isso pode ocorrer de forma simultânea e aliada ao presencial, como acredita a maioria dos participantes deste estudo,

ou até ultrapassando essa maneira tradicional de ensinar, como mostram os dados do Censo 2022.

A fim de valorizar a singularidade dos participantes e a subjetividade de suas realidades, foi perguntado de maneira qualitativa (Batista *et al.*, 2021) sobre quais os benefícios e prejuízos do ensino remoto. A seguir, são apresentados três trechos representativos das vantagens e outros três das desvantagens. Os participantes foram denominados genericamente como Estudante 1 a Estudante 6. Após cada trecho, é realizado uma discussão com a literatura:

Pelo fato de ter deficiência visual, evitar o deslocamento me ajudou e não atrapalhou (Estudante 1).

No contexto de ensino remoto, os professores precisaram contemplar as limitações e as necessidades dos estudantes que já apresentavam dificuldades no presencial, adaptando o planejamento pedagógico desde a educação infantil até o ensino superior (Lima, Silva, 2021). O primeiro trecho selecionado aponta como vantagem não ter que se deslocar, tendo em vista que o estudante tem deficiência visual. Esse depoimento contrasta com a revisão de literatura de Lima, Novato e Carvalho (2022), que concluíram que os estudantes com deficiência, no caso, aqueles com deficiência auditiva e surdez, além dos desafios enfrentados pelos estudantes em geral, ainda possuíam outras dificuldades, como uso de tecnologias não apropriadas pelas instituições de ensino e, quando essas eram assistidas, havia dificuldade em manuseá-las. Percebe-se que as vantagens e dificuldades com o ensino remoto variam também a depender das condições do público-alvo da Educação Especial.

Acredito que o ensino ficou mais acessível e, ao mesmo tempo fez com que o aluno pudesse ter um aprendizado um pouco diferente do que o normal de ter apenas provas, os trabalhos em grupos possibilitaram a discussão entre os integrantes, o que eu acredito que trouxe um aprendizado maior do que muitas vezes o estudo para provas individuais, pois diante desses trabalhos e das discussões de grupo surgiram questões das quais acredito que com a aplicação de avaliação não chegaríamos a tal questionamento muito menos a resposta deste (Estudante 2).

Já o segundo estudante indicou novos aprendizados e reflexões obtidos com o modelo implementado. A nova realidade tornou necessário o desenvolvimento de novas habilidades para a manutenção do processo de aprendizagem. Por exemplo, Pereira, Aarão e Furnelato (2022) observaram que estudantes de uma escola de medicina desenvolveram habilidades de autogestão de tempo, emoções e fixação do conteúdo curricular por meio de organização pessoal e aprendizado dos recursos tecnológicos disponíveis.

[...] o ambiente da faculdade nunca me fez bem, o ensino remoto me tirou um certo “peso” de mim e me proporcionou uma relação melhor com meu curso (Estudante 3).

O Estudante 3 destaca a importância do ambiente na educação. A revisão integrativa de Costa e Zagonel (2020) concluiu que o ambiente educacional influencia o processo de ensino-aprendizagem. Contrastando com a experiência positiva do Estudante 3, Pereira *et al.* (2020) encontraram aspectos negativos relacionados a fatores externos durante a realização de atividades remotas por estudantes universitários fluminenses, como a presença de crianças no local, a maior acomodação em casa dificultando a concentração e facilitando as distrações. Portanto, as impressões sobre o ensino remoto dependem do ambiente no qual o estudante realiza suas atividades.

Minha saúde mental, física e emocional ficou em frangalhos... precisei de acompanhamento psiquiátrico e psicológico uma vez na semana e aumento da dosagem da minha medicação. A cobrança maior por parte dos professores não ajudou. A aula acabava e eu não conseguia estudar por conta da dor de cabeça de ter que ficar olhando para a tela do computador (Estudante 4).

O Estudante 4 reforça os impactos na saúde física, mental e emocional da migração para o ensino digital. A necessidade de ficar conectado por mais tempo do que o habitual pode contribuir para o quadro de ansiedade relacionado à nomofobia (acrônimo do inglês “*No Mobile Phone Phobia*”, relacionado ao medo ou ansiedade de não estar conectado), sendo encontrada essa sintomatologia em mais de um terço dos participantes da pesquisa de Modesto *et al.* (2022). Apesar da revisão de Becker *et al.* (2021) identificar o aumento de ansiedade, estresse e *burnout* entre os universitários, os resultados sobre

o impacto do ensino remoto em sintomas depressivos, somáticos e de motivação foram controversos. Desse modo, é possível observar a heterogeneidade dos efeitos que estudar de forma digital ocasionou nos estudantes.

Não sei se os professores acham que não trabalhamos, mas entre o quarto e agora o quinto ano, minha sala de forma geral reclama e eu também, pois trabalho, e os excessos de atividades que os professores passam estão nos saturando muito, atividades essas que se estivéssemos presenciais, não teriam tanto. Isso acaba nos esgotando e nos frustrando (Estudante 5).

Brevemente, para reforçar a variedade de vivências que o ensino remoto instigou, o terceiro discurso referiu um ambiente mais favorável à participação do estudante, diminuindo a pressão de participação no transcorrer das atividades. Esse ponto de vista contrastou com problemas elencados pelo Estudante 4, como a deterioração da saúde mental e física e a maior cobrança dos professores. Tal situação foi confirmada no discurso do Estudante 5, que também enfrentou desgaste físico e dificuldade em conciliar as novas demandas ensino remoto. Vasconcelos *et al.* (2021) perceberam problemas relacionados ao sono, gestão de tempo, ansiedade e estresse em estudantes de Enfermagem em Pernambuco, enquanto Nunes (2021), no estado do Rio de Janeiro, encontrou sentimentos negativos na maioria dos estudantes de um instituto federal com cursos superiores de licenciatura, bacharelado em engenharia mecânica e tecnólogos, principalmente, ansiedade, preocupação, falta de motivação, desânimo, estresse e cansaço. Portanto, inferiu-se, de maneira geral, que parte dos estudantes estava com problemas de saúde, independentemente da localidade ou curso.

Acredito que muitos professores não estavam preparados para ministrar aulas remotas, visto que os professores sempre estiveram em sala de aula e não os culpo por não serem tão compatíveis com toda a tecnologia. Uma das dificuldades que encontrei que encontrei foi que o professor acostumado a ter contato direto com os alunos, conseguia aos poucos ir adequando a metodologia para que a turma aprenda de forma clara a matéria, conseqüentemente durante o ensino remoto ele não consegue conhecer a turma e o ritmo que ela está, pois os alunos ficam mais acuados (Estudante 6).

Por fim, o Estudante 6 destacou o cenário da falta de capacitação docente. Ressaltou-se que os docentes também sofreram impactos, com adoecimento físico,

mental e emocional, além de possuírem lacunas em sua formação sobre como ensinar de forma remota, possuindo pouco tempo para essa adaptação (Fialho, Neves, 2022). Essa nova rotina de trabalho foi rapidamente instaurada por meio de ferramentas até então pouco conhecidas por muitos, com a necessidade de adequação das atividades do dia a dia e do processo avaliativo (Matias *et al.*, 2023). Mesmo com desafios, como cansaço e dificuldade de conexão com a Internet, foi relatado que os docentes conseguiram melhorar sua desenvoltura no decorrer das aulas remotas (Moraes *et al.*, 2022). A fala desse estudante reforçou a indispensabilidade de as instituições de ensino se atentarem às condições de ensino-aprendizagem tanto de discentes como de docentes, a fim de otimizar esse processo.

4 Considerações finais

Este trabalho buscou investigar as percepções dos estudantes de um centro universitário sobre a mudança do ensino presencial para o virtual e as repercussões dessas vivências. Diversas experiências demonstraram que esse período não foi homogêneo. Participaram 214 estudantes de 10 cursos diferentes de uma mesma instituição de ensino superior, caracterizada por não ter experiência prévia com os recursos utilizados. Mesmo diante de desafios como dificuldade de conexão, maior cansaço e distanciamento dos professores, os estudantes apresentaram melhora em suas habilidades na utilização dos recursos virtuais disponíveis ao longo do tempo. Contudo, há pontos nos quais a percepção dos participantes foi variada, como os impactos na saúde mental e desempenho acadêmico, acentuando que as vivências durante o ensino remoto não foram uniformes a todos.

Assim, aliando a grande variedade de respostas encontradas de forma qualitativa e a expressiva porcentagem de questões quantitativas que também confirmaram que a adoção do ensino remoto não gerou as mesmas repercussões para todos os estudantes, constatou-se a importância da reflexão das instituições de ensino sobre maneiras de melhorar o uso da tecnologia, permitindo que todos possam melhorar seu aproveitamento.

Considerando que a pandemia obrigou a rápida migração de um sistema de ensino pautado no contato humano para um realizado com a utilização de telas e tecnologia, nosso estudo se torna pertinente na medida em que avaliou, em uma expressiva amostra de estudantes, as mudanças que a modalidade de ensino ocasionou. Mesmo com o controle da disseminação do vírus e o reestabelecimento das atividades presenciais, o uso da tecnologia na educação ainda é pauta de debates e estudos, com cada vez mais estudantes aderindo à modalidade a distância. Portanto, sugere-se que as instituições que almejam inserir tecnologias e plataformas virtuais nas graduações presenciais investiguem não apenas as características de discentes, mas também as dos docentes, visando a manutenção de vínculo e uma experiência mais produtiva e positiva para todos os envolvidos.

Referências

ARAÚJO L. F. F.; PROGETTI C. B.; SANTOS R. A. O processo de ensino-aprendizagem: desafios em tempo de isolamento social. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.3, e334992, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.4992>

ARRUDA, J. S.; SIQUEIRA, L. M. R. C.; Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.1, e314292, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.4292>

BATISTA, A. M. D.; FRANCISCHETTI, I.; VIEIRA, C. M.; PARPINELI, V. L. F. O uso do discurso do sujeito coletivo para a análise de dados qualitativos no campo da educação. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.36, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4273>

BECKER, A. S et al. O impacto na saúde mental de estudantes universitários submetidos ao ensino digital durante o isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19: um revisão sistemática. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, 65(1): 2-11, 2021. Disponível em: https://meriva.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/25163/2/O_impacto_na_sade_mental_de_estudantes_universitrios_submetidos_ao_ensino_digital_remoto_durante_o_isolamento_social.pdf

BELO, P. A. P.; OLIVEIRA, R. M.; SILVA, R. C. Reflexos da relação professor-aluno para a aprendizagem no contexto formal de ensino. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.2, e323880, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.3880>

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Diretoria de Estatísticas Educacionais. **Censo da Educação Superior 2022**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf Acesso em 09/06/2024.

COSTA, M.; ZAGONEL, I. P. S.; Percepção do estudante sobre a influência do ambiente/clima educacional no processo ensino-aprendizagem: uma revisão integrativa. **Revista Espaço para a Saúde**, 21(1):71-81, 2020. Doi 10.22421/15177130-2020v21n1p71

FARIA, D, C.; NERI FAZ, MORAES, F. D. F.; GONÇALVES, L, M, C.; Desafios dos anos iniciais do ensino fundamental no ensino remoto: experiências educativas mediadas por tecnologias digitais. **Revista Docência e Cibercultura**, v.6, n.5, p.89-107, edição especial 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/65691/pdf>

FERMANN, I. L, et al. Uso de internet e mídias sociais por estudantes universitários: um campo de estudo emergencial. **Ciências Psicológicas**, v. 15, n.1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22235/cp.v15i1.2389>

FERNANDES, C, D.; BEZERRA CAM; AQUINO, S, C, S.; VIANA, D. C.; Uso das tecnologias da informação e comunicação (TICs) como metodologia complementar no ambiente acadêmico. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e11078, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v6.e11078>

FIALHO, L. M. F.; NEVES, V. N. S.; Professores em meio ao ensino remoto emergencial: repercussões do isolamento social na educação formal. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.48, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248260256por>

GONÇALVES, E. M. R.; BRITTO, A. L. F. M.; Ensino remoto na Educação Infantil em tempos de pandemia: reflexões acerca das novas formas de ensinar. **Revista Praxis**, v.12, n.1 (Sup.), 2020. Disponível em: <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/3505/2702>

LIMA, F. K. C.; SILVA, J. L, M.; A percepção de um grupo de alunos sobre o contexto da educação remota. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.4, e47088, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v.4.7088>

LIMA, M. S. N. O. F.; SILVA, C. M. L.; Prática docente de alunos com deficiências no ensino remoto. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v.2, n.4, p.1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6621>

LIMA, P. V.; NOVATO, T. S.; CARVALHO, M. P.; Desafios e medidas de enfrentamento na educação dos surdos e deficientes auditivos em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Corumbá, v.28, e0055, p.597-618, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0055>

MATIAS, A. B.; et al. A pandemia da COVID-19 e o trabalho docente: percepções de professores de uma universidade pública no estado de São Paulo, Brasil. **Ciênc. Saúde coletiva** 28(2)2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023282.11972022>

MEDEIROS, J. C.; Possibilidades de educação em tempos de COVID-19. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.3, e335198, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.5198>

MODESTO, J. G.; FONSECA, G. A.; SOUSA G. P.; O uso da tecnologia e nomofobia em estudantes universitários. **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, a.14, v.2, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25112/rco.v2.3025>

MORAES, G. S.; et al. Vivências de docentes de um centro universitário durante pandemia de Covid-19. In: Cavalcante P, Ozório FJDG, Muniz QHMA. **Formação e trabalho docente em tempos de pandemia: Desafios e possibilidades**. 1ed. Belo Horizonte: Poisson, 2022, p.88-93. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36229/978-65-5866-185-6.CAP.10>

NASCIMENTO, W. R. D.; SALVIATO-SILVA A. C.; DELL'AGLI, B. A. V.; O desempenho em tecnologias digitais para aprendizagem: um estudo com universitários. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v.21, n.1, p.182-201, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8651482>

NEVES, V. N. S.; ASSIS, V. D. A.; SABINO, R. N.; Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.2, e325271, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i2.5271>

NUNES, R. C. Um olhar sobre a evasão de estudantes universitários durante os estudos remotos provocados pela pandemia do COVID-19. **Research, Society and Development**, v.10, n.3, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i3.13022>

OLIVEIRA, M. A.; PONTES, V. M. A.; O letramento digital e o ensino remoto: a percepção dos estudantes sobre a aprendizagem. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.4, e47212, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v.4.7212>

PEREIRA, G. B. F.; AARÃO, T. L. S.; FURLANETO, I. P.; Percepção de estudantes de Medicina sobre as habilidades de autogestão adquiridas durante a vigência do ensino

remoto. **Revista Brasileira de Educação Médica**, 46(4):e136, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v46.4-20220052>

PEREIRA, R. M. S, et al. Vivência de estudantes universitários em tempos de pandemia do covid-19. **Revista Praxis**, v.12, n.1 (sup.), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47385/praxis.v12.n1sup.3458>

PINHEIRO, D. C.; SABINO, G. F. T.; Ensino “(ter)remoto”? Reflexões a partir do desempenho de estudantes universitários no período pandêmico. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v.9, n.26, 2022. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/6742>

SECATTO, A. G.; SECATTO, C. P.; Pesquisa e autoria: experiências no ensino remoto. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.3, e335580, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i3.5580>

SOUZA, M. F.; FERRÃO, N. S. D.; CHERMONT, N. M. S.F.; Os desafios dos professores do Ensino Médio no Ensino Remoto em tempos de pandemia. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v.3, n.1, e316366, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v3i1.6366>

Universidade Aberta do SUS. Rede UNA-SUS em números. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/numeros/arouca> Acesso em 09/06/2024.

VASCONCELOS, C. M. R, et al. Sentimentos dos estudantes utilizando ensino remoto durante pandemia COVID-19: interferência no processo de aprendizagem. **Revista de Saúde Pública do Paraná**. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.32811/25954482-2021v4n3p145>

ⁱ **Gabriel Stanziola de Moraes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1337-0460>

Faculdade de Medicina de Marília

Graduando em Medicina pela Faculdade de Medicina de Marília (Famema).

Contribuição de autoria: participou de todas as etapas de pesquisa e na elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9288049924628289>

E-mail: gabrielstanzola@yahoo.com

ⁱⁱ **Camila Mugnai Vieira**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7564-6218>

Universidade Estadual Paulista

Docente do Departamento de Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Marília. Doutora e Pós-doutora em Educação pela UNESP – Câmpus de Marília.

Contribuição de autoria: orientou todas as etapas da pesquisa e colaborou na elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6321486142314762>

E-mail: camilamugnai@gmail.com

iii **Bianca Pereira Rodrigues Yonemotu**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0908-4223>

Universidade Estadual Paulista

Graduada em Odontologia pela Universidade de Santo Amaro, especialista em Educação Especial pela Universidade do Sagrado Coração, mestre em Ensino e Saúde pela Famema e doutoranda em Educação pela UNESP. Docente de LIBRAS na Faculdade João Paulo II.

Contribuição de autoria: participou da coleta de dados e finalização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8557930041048459>

E-mail: biancaelaura@gmail.com

iv **Edinilson Donisete Machado**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4303-7041>

Centro Universitário Eurípides de Marília

Doutor em Direito pela PUC-SP. Professor titular da Universidade Estadual do Norte do Paraná, na graduação e pós-graduação do UNIVEM. Experiência na gestão acadêmica e na docência superior na área de Direito, com ênfase em Direito Constitucional.

Contribuição de autoria: participou da coleta de dados e finalização do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5801377676380146>

E-mail: edinilson@univem.edu.br

v **Ieda Francischetti**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8324-194X>

Faculdade de Medicina de Marília

Médica, cirurgiã geral e torácica pela Famema. Mestrado e doutorado em Bases Gerais da Cirurgia e Cirurgia Experimental pela Faculdade de Medicina de Botucatu (UNESP). Pós-doutorado em Educação Médica na Charité- Universitätsmedizin Berlin. Docente e Chefe de Gabinete na Famema.

Contribuição de autoria: orientou todas as etapas da pesquisa e colaborou na elaboração do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5007661107081682>

E-mail: iedafster@googlemail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Lia Machado Fiuza Fialho e Scarlett O'hara Costa Carvalho

Como citar este artigo (ABNT):

MORAES, Gabriel Stanzola de et al. Experiência discente com o ensino remoto na pandemia por SARS-COV-2 em um centro universitário. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e11464, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/11464>

Recebido em 13 de outubro de 2023.

Aceito em 02 de maio de 2024.

Publicado em 20 de julho de 2024.